A exposição de Tarsila do Amaral, no "Palace-Hotel", do Rio de Janeiro, foi a primeira grande batalha da Antropofagia

O ADMIRAVEL SUCCESSO DESSA GRANDE MOSTRA DE ARTE BRASILEIRA, ATRAVÉS DA REPERCUSSÃO QUE TEVE EM TODA A IMPRENSA CARIOCA

Tarsila do Amaral inaugurou a sua exposição no sabbado, 20. Foi um successo em todo o Rio de Janeiro. Os jornaes encheram columnas sobre a arte della, que o velho e caduco "Jornal do Commercio" achou de baptisar de "futurista", numa deliciosa revelação de sua insthinavel ignorancia. Esse velho devia ir para a escola gêgê, aprender a ler. As adesões que tivemos foram, entretanto, as melhores e melhores. Não nos faltou mesmo a solidariedade de orgams tradicionalmente conservadores como "O Paiz" e o "Jornal do Brasil". A exposição de Tarsila marcou desse modo, o primeiro goal da Antropophagia na decrepita mentalidade colonial. Os antropophagos do Brasil inteiro mais do que nunca orgulhosos da sua grande artista. Viva pois Tarsila! Viva!

Agora o que disseram os jornaes.

Disse "O Paiz":

UMA ARTE BEM BRASILEIRA UMA ARTISTA BEM NOSSA

Tarsila do Amaral e a sua empolgante exposição de pintura

Tarsila, a insigne renovadora, senão creadora de uma esthetica pictural que o movimento "antropophagico" de São Paulo está impondo com ardente impeto nacional. Esta admiravel e ao cabo ... culto, inaugura amanhã, aqui no Rio, a sua primeira exposição no Brasil.

Faço ninhas, com desvanecimento, as notas seguintes, que apresentam Tarsila ao publico carioca:

— "Tarsila do Amaral, a grande pintora modernista de S. Paulo, escolheu o Rio de Janeiro para realizar a sua primeira exposição no Brasil. Essa exposição deverá ser inaugurada amanhã, sabbado, no Palace-Hotel, e de certo attrairá a attenção do nosso meio artistico.

Filiada ao movimento anthropophagico, que ha mezes irradia de S. Paulo para todo o Brasil — e que, aliás, nasceu da sua pintura, fonte brasileira original como invenção e como technica — Tarsila fórma na ala extrema da nossa vanguarda de arte e pelo seu valor proprio, inconfundivel, pessoal, se tem imposto á admiração, não só do nosso paiz, como do estrangeiro. Ella é um nome victorioso, que resiste perfeitamente á incomprehensão e ao misoneismo incuravel dos mais ferozes passadistas.

A proposito da sua exposição um anthropophago de S. Paulo assim nos falou:

— "O Rio de Janeiro vai descobrir Tarsila e vai ter com esse descobrimento a exacta sensação de um maravilhoso encantamento. Tarsila é o maior pintor brasileiro. Nenhum, antes della, attingiu áquella força plastica — admiravel como invenção e como realização — que ella só possue, entre nós. Nem tambem nenhum penetrou tão bem quanto ella a selvageria de nossa terra, o homem barbaro que é cada um de nós, os brasileiros que estamos comendo, com a ferocidade possivel, a velha cultura de importação, a velha arte imprestavel, todos os preconceitos, em summa, com que o Occidente, através das manhas da catechese, nos envenenou a sensibilidade e o pensamento.

A pintura de Tarsila é uma das muitas fórmas de reacção contra essa nefanda "conquista espiritual" de que se utiliza, para a victoria de suas idéas, o já triumphante movimento anthropophagico. A sua exposição é a nossa primeira grande batalha. E' a nossa primeira grande offensiva. Graças a Freud, porém, temos certeza de que, ainda desta vez, como sempre, sairemos vencedores. Os quadros que Tarsila vai expôr — alguns de suas phases anteriores e a maior parte puramente anthropophagicos — são tão gostosos, tão repousantes, tão nossos, que elles, sósinhos, nos vingam da Escola de Bellas Artes e da sua horrivel Pinacotheca das inconcebiveis galerias particulares que por ahi pullulam e da burrice irremediavel dos colonos do Occidente. José Severiano de Rezende, em artigo excellente que sobre ella escreveu, disse muito bem: "Realmente, a pintura de Tarsila "é uma revelação e uma revolução". Revelação do Brasil, quatro seculos inofando ao jugo da metropole, mas agora brandindo o tacape para expulsar os conquistadores. O Brasil de Cunhambebe, de Christo bahiano, de Siahá. O Brasil de Marajó. O Brasil que como o plumbo marca-o lhe resistiu á humidade de quatrocentos annos de servidão mental, de vergonhosa submissão ao Occidente. E' uma revolução, a primeira revolução séria que se fez no pensamento brasileiro, porque, como já disse a anthropophagia tem as suas raizes profundas nessa pintura nova, audaz, liberta, em que a invenção se equilibra num maravilhoso e admiravel sentido plastico e naquelle "senso agudo da côr" a que se referiu, não escondendo o seu enthusiasmo, o francez Waldemar George. Pintura directa. Anti-anecdotica. Anti-litteraria. Pura força plastica. O maior prazer dos olhos brasileiros. O Rio vai admirar Tarsila. Os anthropophagos de S. Paulo, de todo o paiz, confiam na intelligencia carioca."

—Tarsila do Amaral exporá no Palace Hotel 35 quadros. A sua exposição se realizará amanhã, sabbado, a 30 do corrente. De Tarsila disseram, entre outros:

Waldemar George: "Si l'exposition de Mme. Tarsila nous révélé une artiste authentique, qui joint á un sens aigu de la couleur le gout du beau métier, ce métier artisan et précis dont Léger est le pére, elle nous a fait connaitre certaines tendances de la pensée brésilienne de nos jours". ("La Presse", de Paris, 192...)

André Warnod: "Cette exposition a le charme de tout ce qui est simple, sincére, direct; mais, de plus, Tarsila a le sens des harmonies três pures et trés fines et c'est ce qui donne á sa peinture toute sa qualité." ("Comœdia", Paris, 192.)

Maurice Raynal: "Toutes ces compositions traitées par tons purs décélent chez Tarsila une sensibilité primitive d'une fraicheur raffinée mais exquisement naturelle." ("L'Intransigeant" 192).

Maximilien Gauthier: "Les fraiches et pures images, aux vives et gaies couleurs, qu'á brossé Mme. Tarsila, sans aucune concession á l'esthétique impressioniste, par á plats nets et comme impersonnels, comportent un sens héroique, national, voire racique qu'il convient de discerner." ("Au Rumur", 1928).

Alvaro Moreyra: "Côr de rosa de Tarsila Azul de Tarsila. Sem iguaes no mundo."

Manoel Bandeira: "Nunca vi boniteza tão brasileira como a da pessoa e dos quadros de Tarsila." — R. R. II.

Disse o "Jornal do Brasil":

"UMA EXPOSIÇÃO DE PINTURA MODERNA

Tarsila do Amaral inaugura amanhã a sua primeira exposição

Tarsila do Amaral é uma grande artista brasileira. Seu nome reune os applausos e as admirações de toda a nova geração. E essa sensibilidade exquisita, esse talento indisciplinado e novo, que é o della, são bem caracteristicos da nossa hora actual.

Tarsila inaugura amanhã, no Palace Hotel, uma exposição de seus trabalhos. E' a primeira exposição que ella faz de seus quadros.

O Rio irá admirar, assim, as producções da artista que é por suffragio dos intellectuaes vanguardistas, a maior pintora brasileira moderna.

A pintura de Tarsila, a par de sua originalidade, tem um caracter profundamente brasileiro. Ella vae buscar a sua inspiração directamente na vida. E' utilitaria, anti-romantica e anti-anedoctica. Della é que decorre o movimento anthropophagico de São Paulo — a libertação do Brasil da cultura da arte e da moral do Occidente.

A exposição que amanhã se inaugura é a primeira grande batalha da Anthropophagia, que está despertando grandes discussões em todo o paiz.

Tarsila exporá 35 quadros, sendo alguns de suas phases anteriores. Aqui reproduzimos duas de suas telas, das mais caracteristicas — paisagens e somno.

As idéas modernistas, no Brasil já tiveram duas grandes horas. A primeira foi a celebre semana de arte de S. Paulo; a segunda foi a conferencia do sr. Graça Aranha na Academia.

A exposição de Tarsila será portanto, mais um combate decisivo, no qual o espirito joven e innovador do Brasil vae-se reafirmar brilhantemente.

Disse o "Correio da Manhã":

"A EXPOSIÇÃO DE TARSILA

Inaugurada, hontem, no Palace-Hotel

Tarsila é um nome de respeito no modernismo avançado do Brasil, porque, se ella se apresenta em fórmas estranhas e curiosas, com côres de maravilhosa ingenuidade, é, por isso mesmo, uma expressão de raro vigor, individualidade e brilho. Ha em tudo que sae dos seus sentidos, intelligentemente norteados, um cunho pessoal, que bem diz do talento da artista.

Quando a arte, como todas as creações, se submette á força geral da renovação, apresentando surprezas de impressionante encanto, só nos cabe applaudir esse movimento, e, mais que tudo, a ousadia das attitudes, o desprezo superior pelos preconceitos, a affirmação de vontades bem dirigidas. Tarsila é uma expressão legitima desses espiritos novos que vivem por si, sem ligações ou dependencias a quaesquer escolas. Estas são o ridiculo dos mediocres... Os renovadores da arte presam a independencia de suas projecções. Seus sentidos falam livremente: se se lhes pede apresentar qualquer collaboração, é o controle de intelligencias luzidas, que alargam o campo da arte.

A exposição de Tarsila, hontem inaugurada no Palace, dá opportunidade a que o publico do Rio conheça "pessoalmente" os trabalhos da artista. São Paulo guardava Tarsila como uma fruta rara de sua rebeldia esthetica, das o povo da capital estava ancioso por uma vinda de Tarsila.

E Tarsila chegou.

E Tarsila mostrou-se. Houve espanto. O espanto sempre existe deante das coisas novas. Mas houve deslumbração. Esta só se verifica deante das obras de talento.

A construcção dos quadros de Tarsila é singularmente racional. Para comprehendel-a, basta penetrar-lhe o espirito, ter a visão além dos olhos. Suas côres são caracteristicas. Aquelle azul, aquelle rosa, tão de Tarsila!

Enfim, a expositora do Palace é uma grande artista do movimento moderno. Suas télas despertam emoção e enthusiasmo Ha nellas a mesma radiosa e innegavel belleza, que condiz optimamente com a da propria artista".

Disse a "Critica":

"UMA SINGULAR EXPRESSÃO DE ARTE MODERNA

Tarsila do Amaral inaugura hoje, a exposição dos seus ultimos trabalhos. Trata-se de uma curiosa mostra de pintura que vae revelar ao publico intelligente do Rio de Janeiro, uma expressão imprevista e sensacional de arte moderna. E' que, com effeito, Tarsila do Amaral, pelo expontaneo desassombro do seu temperamento pelo seu "processus" arbitrario e estranho, singulariza, isola-se, no Brasil, da theoria dos artistas contemporaneos, que se cingem a formulas e obedecem aos "canons" preestabelecidos.

Mas, na arte audaciosa e rebelde dessa pintora, predomina, com uma nota viva e clara, o accento nacionalista e nella se reflecte o tumulto da natureza tropical, voluptuosa e unica.

Tarsila do Amaral prescinde, porém, de apresentações A evidencia a que attingiu o seu nome, alvo, ao mesmo tempo, de criticas e louvores, elogiado com enthusiasmo e furiosamente combatido, é bastante para indicar a pintora paulista á attenção e á curiosidade das "elites" da metropole. Pertencente ao "grupo anthropophagico", cuja actuação tem solapado o academismo saudosista, na Paulicéa, e que se irradia, conquistando triumphos, através de outros grandes centros culturaes do paiz, Tarsila do Amaral é, por essa razão, ainda mais interessante. Ella vae exhibir á gente culta que não poupará da alta alegria de ir ao Palace Hotel, para ver, nos seus quadros, a expressão revolucionaria da pintura antropophagica. Uma pintura inquietante e paradoxal, banhada pela luz da nossa natureza violenta e toda ella cheia de uma inspiração inedita, recolhida nas lendas e nas suggestões originarias da raça".

Todas essas noticias, além de outras muitas que deixamos de reproduzir por absoluta falta de espaço, foram illustradas com reproducções de diversos quadros de Tarsila.

Nota interessante — Correu sangue na exposição. Oswaldo de Andrade, agindo antropofagicamente, esborrachou o nariz de um admirador do sr. Amoedo. O sangue espirrou, com immensa satisfação dos antropofagos presentes.

A "Revista" pede a Oswaldo que esborrache outros narizes, o mesmo aconselhando a todos os seus leitores. E' o meio infallivel de se reagir contra certos azares. E era assim que o indio fazia: páo no craneo do inimigo!

o papagaio do palacio

No tempo das eleições
O doutor Rego Monteiro atufou-se de enthusiasmos oposicionistas
Que até o papagaio do palacio cantarolava o "Ai seu Mé".

Mas murcharam aquelles tempos magnificos...
Então o governador por uma questão de commodidade
Cobriu-se tambem com a mesma capa feita da lã que sobra nesse paiz...

A' porta dos salões que se afundavam por dentro dos espelhos
O papagaio era a ultima vóz da oposição que continuava a cantarolar:

"O queijo de Minas tá bichado seu Mé".

Quando o governador ia almoçar de collarinho duro com os secretarios de Estado.

Havia uma ordem governamental:
Os criados levavam o loiro lá pá traz do quintal do palacio resmungundo

"Esse bicho é o unico homem que ainda tem vergonha nesta casa".

JACOB PIM-PIM

(Do livro a sahir "Ai seu Mé")

revista de antropofagia

Orgão da Antropofagia Brasileira de Letras

15.° numero da 2.ª dentição

O indio, o homem natural, bravo, sem os vicios da catequese, morria sorrindo no campo do inimigo. E' assim que morre o verdadeiro antropophago. Sem entregar os pontos. Só o civilizado faz concessões, transige e assigna o tratado de Versalhes. O indio não conhecia accôrdo. O accôrdo dele era no moquem com o corpo do inimigo fritando na braza.

A justiça do indio era páo na cabeça. O verdadeiro antropophago não perdôa o inimgo. Come ele O arrependimento do inimigo é uma virtude cristã E' o outro lado do rabo de arraia.

Somos pelo ensino leigo. Contra o catecismo nas escolas. Qualquer catecismo. Não é possivel fazer o Brasil embarcar na canôa furada da Prima do Espiritual. Reagiremos pois contra toda e qualquer tentativa nesse sentido. Viva Freud e nosso padrinho padre Cicero!

Onde ha dois homens, um mais forte do que o outro, um comendo o outro — eis a harmonia universal. — **Oswaldo Costa.**

O indio que queremos não é o indio de lata de goiabada, inspirando poemas lusos ao sr. Gonçalves Dias e romances francezes ao sr. José de Alencar. Esse indio decorativo e romantico nós damos de presente á Academia de Letras.

O indio que queremos é o homem natural, é o caeté que devorou Sardinha, é Cunhambebe trinchando com gosto a perna do pero. E' o bravo que ficou na floresta, de tacape na mão, esperando o roupeta para dar na cabeça dele.

A falta de carater que certos pessimistas observam no Brasil não é no povo que se nota, é numa certa elite. Na elite romantica, saudosista, que ainda crê na retorica, nos principios de Aristoteles e nos bons sentimentos portuguezes, que não tem olhos para ver a nossa realidade, na elite submissa ao Occidente, na elite que perpetua a bambachada do governador geral roubando no confessionario o ouro de nossas minas Essa gente é que dá azar.

de antropofagia

floresta — de tarsila, 1929

POESIA ANTROPOFAGICA

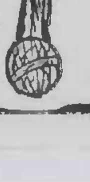
BERIMBAU

Os aguapés dos aguaçús
nos igapós dos Japurás
bolem, bolem, bolem.
Chama o saci si si si!
Ui ui ui ui ui! uiva a iara
nos aguaçús dos igapós
dos Japurás e dos Purus.

A mameluca é uma maluca.
saiu sósinha da maloca
o bôto bate bite bite...
Quem ofendeu a mameluca?
— Foi o bôto!
O cussarui bota quebrantos,
Nos aguaçús os aguapés
— Cruz, canhoto! —
bolem... Peraus dos Japurás
de assombramentos e de espantos!...

MANUEL BANDEIRA

(não é inedito, mas é nosso — Açougue)



DOENÇAS DO FIGADO

TRATAMENTO EM 24 HORAS, SEM DOR, SEM OPERAÇÃO E SEM DIETA. DAS PEDRAS NO FIGADO OU CALCULOS BILIARES PELO ESPECIFICO ALLEMÃO

VITAL-CUR

Approvado pela Directoria Geral de Saude Publica Innumeros attestados medicos e referencias de todo os paizes

Deposito geral: N. S. CAMPOS — Rua Buenos Aires, 46, 1.o — Telephone, Norte, 4858 — RIO

carta a um antropófago de S. Paulo

Você me escreveu sobre "Macajá". Escreveu-me e pediu-me cousas do norte. Ora, você sabe, que, para o sul, o norte é, pelo menos em literatura:

"Menino amarello,
comedor de brôa."

por isso eu gostei de sua carta e do seu pedido:

"Eh patipati,
O' patipatão
(eu não sou daqui)
sou lá do fundão
sou de bôa bocca
como o que me dão."

Aliás, todos os antropofagos do Ceará são de bôa bôcca. E nisso já levamos vantagem ao nosso avô de kanitar vermelho e cocar verde e amarelo. Eu creio que o indio não devorou o portuguez com nojo

No Ceará, a renovação vae ser um buraco. Não contamos com o auxilio dele:

São Farncisco, veio "croado" da matriz de Canindé"

nem do,

"Meu padrim padre Cicero da méca do Ceará".

O cacete vae ser rijo.

Precisamos tornar o samba brasileiro. Nada de sanfona que é musica balôfa de vento estranjeiro, importado da silva.

Viola tambem não serve.

O cavaquinho é estranjeiro. Por mais que a madeira se esforce para dar tons de brasilidade a cousa não sae certa. E' urgente a queima da viola.

Queimar de véra.

Musica brasileira com berimbau. Mas berimbau brasileiro. Berimbau feito de bambú. Com uma quenga de côco na ponta. E corda brasileira. Tripa de gato de maio espichada no sól. Acabar com o môfo portuguez que está sujando os cantos da terra. Tudo brasileiro.

"Pulo signal
da Santa Cruz
livre-nos Deus.
Santa Maria
tem um livro muito grande
os outros santos
têm um livro mais menó
xepo xepo
lengo lengo
São Joaquim da Crumetamba
São Francisco do curlá."

O indio cearense foi valente. Comeu o Padre Pinto. Mas não soube dar conta do recado. Se soubesse tinha devorado tambem o padre Luiz Figueira.

O indianismo de Alencar foi firticio. E todo o mundo acreditou.

Como se fosse possivel arranjar um romance de amor entre uma gazela e uma onça sussurana. O que eu queria ver era Iracema "passando" o guerreiro branco no moquém. E o velho Araken com a barriga cheia e a cara besuntada de gordura de Martin Soares Moreno.

Então sim. Era de se dar um viva ao kanitar de Iracema.

O verso no Brasil deve ser nú. Nú como o indio éra.

Sem pontos.
Sem virgulas.
Sem nada.

Mais adiante arranjam-se algumas convencionaes.

Tirados de motivos de ceramica primitiva.

HEITOR MARÇAL.

FILOSOFIA DE ANTROPÓFAGO

pensada por Antonio Garrido do Ceará

O centenario de Alencar terminou virando uma questão de familia.

Todo o Brasil ficou sabendo o que somente os eruditos sabiam: que elle era filho de um padre... antropófago.

A desgraça de Alencar foi querer estylizar o indio.

O mesmo aconteceu a Bilac que fez de Tapyr e Scipião dois bons camaradas ..

A primeira negociata internacional dos brasileiros foi aquella de Poty (Camarão), alliando-se aos portuguezes contra os hollandezes.

Se elle tivesse golpe de vista, aproveitaria a confusão para liquidar os dois ao mesmo tempo.

E ficaria sózinho, plantando canna nos tauararapes.

A culpa foi do baptismo.

Depois que elle se chamou don Antonio, deveria ter sido comido summariamente.

Coitadinhos dos Tamoyos!...

Os tamoyos nunca tiveram canção.

Aquelles romanticos, mettidos a fazer epopeias, arrazaram a tribu.

Antes de Voronoff enxertar glandulas, já os selvagens comiam macacos.

documentos antropofagicos

OS INDIOS DO MARANHÃO

algumas considerações sobre a incorporação dos selvicolas á sociedade civilizada

Referindo-se á obra que os francezes estão ha muito realisando na Algeria, Alphonse Daudet diz, em certa altura de um dos seus maravilhosos livros, que a França julga diffundir a sua civilisação entre os indigenas, transmittindo-lhes alguns vicios... Um telegramma enviado do Maranhão informa que nada menos de 10.000 indios urubús já foram pacificados naquelle Estado pela Inspectoria de Indios. A noticia poderá ser auspiciosa para os que encaram com certo sentimentalismo a existencia dos remanescentes das velhas tribus selvagens no Brasil; não rezarão pela mesma cartilha os que se collocam á margem dos acontecimentos e têm algumas desillusões sobre essa cousa rotulada de civilização. Não é preciso possuir a visão de um Daudet para verificar que os selvagens nada lucram com adherir á vida dos homens que se julgam detentores da verdadeira sciencia de illustrar o gentio. Civilização e selvageria são dois termos que, hoje mais do que nunca, se contradizem num sentido inteiramente novo. Ninguem póde traçar limites muito seguros ao que se póde chamar de selvageria, em se tratando dos seres simples que vivem em completa nudez e se alimentam de cousas exoticas. De algum modo, elles não são inferiores em cousa alguma aos seres que vestem casaca, jogam na Bolsa, rodam sobre as molles macias dos automoveis, fumam charuto e atiram uma area de importancia sobre o commum da humanidade.

Os indios do Maranhão, é preciso que se diga, não estão de parabens pelas pronunciadas tendencias que manifestam para adoptar os nossos habitos. Accrescenta o alludido despacho que esses pobres indigenas já abandonaram a pratica de furtos e repetem amiudadamente suas visitas aos postos installados pelo Serviço de Protecção, confiantes e mesmo obedientes". E' uma noticia espantosa, (não ha duvida, quando se conhece a altivez característica dessa raça, que sempre se mostrou rebelde ao mando dos intrusos. A civilização nunca lhes agradou. Sempre acharam melhor errar pelas florestas, alimentando-se de frutas sylvestres e de caça, sem noção do tempo e de outras cousas não menos incommodas inventadas pelos civilizados. A' reviravolta operada no cerebro dos selvicolas, ou denuncia manha, esperteza, ou degeneração. Vê-se que os bronzeados filhos da selva americana decaem de sua antiga sobranceria. O que nos leva á convicção de que assim está acontecendo, é a rapidez com que abandona os seus habitos ancestraes; o indio já não furta. Ora, as expressões roubar, furtar, apropriar-se indebitamente, (não têm sentido algum para os nossos aborigenes. Vivendo em estado de innocencia, inscientes de que seja direito de propriedade e outras convenções sociaes posteriores, os indios são os ultimos representantes de primitiva communidade humana. Não sabemos si elles ganham ou perdem em incorporar-se aos civilisados, para adquirir-lhes os vicios a que allude Alphonse Daudet. E' bem possivel que tenham tudo a perder e nada a ganhar. A civilização não passa de um amontoado de formulas e exterioridades para disfarçar os mesmos instinctos que o indio não se envergonha de ostentar livremente, o que tanto vale dizer que a civilização se baseia exclusivamente na hypocrisia. Uma vez instruido sobre os methodos que o homem adopta para ter o direito de ser julgado um ser superfino, o indio perderá a sua pureza de sentimentos, a candura que o torna uma eterna criança em meio da natureza, para transformar-se num ser cheio de veneno, dissimulado e cobiçoso, sensual e perfido, maneiroso e cobarde.

Não, senhores, melhor será deixar os pobres selvicolas entregues ás leis da natureza, pelas quaes sempre se regeneram admiravelmente, do que sujeital-os ás leis do homem, que não lhes poderão quadrar a orgulhosa independencia. Vicios, si os tem, não revelam nunca o caracter deprimente que cada vez mais assumem os vicios civilizados. Estamos daqui a ver os 10.000 indigenas do Maranhão, usando roupas cintadas, bengala, discutindo politica, tomando cocaina e bebendo "cognac" falsificado, os homens; as mulheres, de saias curtas, cabello "á la garçonne", frequentando cinema, discutindo "toilettes" e fumando cigarrilhas de papel de ouro. Que horror! Mil vezes a nudez, e, sim, a vida livre das florestas. Piedade, senhores da Inspectoria de Protecção aos Selvicolas!

(D'"A Gazeta", de São Paulo, de 10 do corrente).

expediente

Da "Revista de Antropofagia

Numero quinze (2.ª dentição)

O director é o Raul Bopp

O organizador é Geraldo Ferraz

Correspondencia Caixa Postal, 1269

A juventude entrava de novo no pagé, por via gastrica.

Que isso de enxertos ás vezes não nega.

O sr. Gonçalves Dias (que foi comido pelos peixes) não teve outro que fazer e atirou uma capa de estudante de Coimbra sobre a nudez do tymbira.

Resultado: o indio ficou cheio de espermatozoides e de bacilos de Koch.

E quasi morreu tisico.